

O mergulho no campo entre os nós da rede UNIFESP-BS: Composições e interlocuções entre residentes e graduandos

A diving in the field of the nodes of network UNIFESP-BS: Compositions and interlocutions between residence in health and undergraduation

Uma zambullida en el campo entre los nodos de la red UNIFESP-BS: Composiciones e interlocuciones entre residentes e estudantes

Aline Fajardo¹
Mariana Chaves Aveiro²
Lúcia da Rocha Uchôa-Figueiredo³

RESUMO: Na Universidade Federal de São Paulo campus Baixada Santista (UNIFESP-BS) os estudantes de diferentes áreas profissionais se aproximam do estudo teórico e prático dos outros cursos por meio das aulas compartilhadas e também do contexto dos serviços públicos de saúde. Nesses, e entre as paredes da própria universidade, faz-se crescer uma rede de trabalhos, propostas, projetos, afetos e outros. Objetivou-se mapear e explorar sentimentos, potencialidades, afecções da experiência de articulação da “rede UNIFESP-BS” especificamente, entre as ações do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde e outros projetos – extensão, módulo ‘Trabalho em Saúde’, PET-Saúde, estágio curricular, - advindos e vinculados ao projeto político pedagógico da UNIFESP-BS na perspectiva dos estudantes. Os dados foram coletados em encontros e produções coletivas e individuais, dos quais se construíram narrativas que demonstraram as dificuldades de comunicação entre os projetos, bem como a integração, o trabalho em rede, o compartilhamento do fazer e a fluidez das ações. O estágio é o que mais tende a cair na armadilha de se fechar em si mesmo. Nessa pesquisa foi possível descobrir

1 Universidade Federal de São Paulo, *campus* Baixada Santista. Curso de Psicologia. E-mail: fajardoline@gmail.com

2 Universidade Federal de São Paulo – *campus* Baixada Santista, Departamento de Ciências do Movimento Humano, Curso de Fisioterapia. E-mail: mariana.aveiro@unifesp.br

3 Universidade Federal de São Paulo –*campus* Baixada Santista, Departamento de Gestão e Cuidados em Saúde, Curso de Terapia Ocupacional. E-mail: uchoalu@hotmail.com

e colher várias concepções sobre rede, desde a aproximação com a caça, passando por rede de linhas conectoras e uma rede em que bifurcações e convergências constituem os nós, até rede como superfície de produção. Pretendeu-se abrir possibilidades de pensamentos sobre as concepções de rede a partir da “rede UNIFESP-BS”.

Palavras-chave: Residência Multiprofissional em Saúde; Formação em Saúde; Subjetividade.

ABSTRACT: In the Federal University of São Paulo, Baixada Santista Campus, (UNIFESP-BS), students from different professional areas approach to theoretical and practical studies from the others undergraduate courses through not only shared classes but also in teaching activities in public health services. A network increases among university walls: course works, projects, proposals, affections and others. The purpose of this study was draw and explore the feelings, potentialities and affections from the connection experience in the network UNIFESP-BS, specifically among actions with relation to Health Multiprofessional Residency Program in Health Care and other projects – Extension activities, Working Process in Health disciplines, Educational Program for Health Work (PET-Saúde) and Curricular supervised traineeship, that come from and present bonds with pedagogic project from UNIFESP-BS, in the perspective of students. Data was assessed through encounters with individual and collective productions. Narratives that were produced demonstrated not only the difficulties of communication between the projects but also the difficulties to integration, network, sharing of knowledge and action fluidity. Curricular supervised traineeship tend more than other projects falls into a trap of close around itself. In this research was possible discover and obtain some conceptions about network, since the approximation with the chasing, passing through connection lines of network and a network in that bifurcations and connections represent nodes, until network with surface areas of production. The intention was open some thought possibilities about network conceptions since “network UNIFESP-BS”.

Keywords: Health Multiprofessional Residency Program, Health formation, subjectivity

RESUMEN: En la Universidad Federal de San Pablo, campus Baixada Santista (UNIFESP-BS), los estudiantes de distintas áreas profesionales se acercan al estudio teórico y práctico de otras carreras a través de clases compartidas y también del contexto de los servicios públicos de salud. En estos, y entre las paredes de la propia universidad, cresce una red de trabajos, propuestas, proyectos, afectos y otros. El objetivo fue mapear y explorar sentimientos, potencialidades, afectos de la experiencia de articulación de la red UNIFESP-BS en particular, entre las acciones del Programa de Residencia Multiprofesional en Asistencia Médica y otros proyectos - extensión, módulo trabajo en salud, PET-Salud, pasantía curricular - derivados y vinculados al proyecto político pedagógico de la UNIFESP-BS, desde una perspectiva estudiantil. Se recolectaron los datos en encuentros y producciones coletivas e individuales, de los cuales se construyeron narrativas que demuestran las dificultades de comunicación entre los proyectos, así como la integración, el trabajo en red, el compartir e l haber y la fluidez de las acciones. La pasantía es lo que más tiende a caer en la trampa de e n cerrarse en

sí misma. En esta investigación fue posible descubrir y recoger varias concepciones sobre la red, desde la aproximación con la caza, pasando por la red de líneas conectoras y una red donde bifurcaciones y convergencias constituyen nodos, hasta la red como superficie de producción. Se pretendió expandir las posibilidades de pensamiento sobre las concepciones de red, a partir de la red UNIFESP-BS.

Palabras clave: Residencia Multiprofesional en Salud; Formación en Salud; Subjetividad

1. ALGUNS DIZERES SOBRE SAÚDE E UNIVERSIDADE

Em vista da busca pelo cuidado integral em saúde, várias apostas precisam ser feitas para que o modo de pensar o processo saúde-doença e as práticas seja modificado. A universidade e os campos de educação em saúde são ótimos locais para produzir essa reflexão. Sendo assim, nos últimos anos intensificaram-se movimentos voltados para a construção de outras possibilidades pedagógicas de formação, que incorporasse a reflexão da realidade no processo de ensino- aprendizagem dos profissionais e que assim estejam qualificados para trabalhar com a política do SUS^{1,2}.

Muitas ideias e projetos surgiram nesses anos para que o ensino em saúde estivesse mais próximo da política do SUS. Em meio a tantos projetos, em 2009 vai tomando corpo uma iniciativa que já nasce interdisciplinar: a partir de uma parceria entre a UNIFESP-BS (Universidade Federal de São Paulo – *campus* Baixada Santista), a Irmandade Santa Casa da Misericórdia de Santos (ISCMS) e a Secretaria Municipal de Saúde (SMS) de Santos, inseriu-se em 2010 o Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde (PRMAS)³.

Essa proposta toma como área de concentração a saúde coletiva e assume como eixo transversal a “Atenção à saúde do indivíduo, família e sua rede social” com as seguintes áreas profissionais: educação física (a partir de 2012), enfermagem, farmácia (até 2013), fisioterapia, nutrição, psicologia, serviço social e terapia ocupacional⁴. Em vista da parceria estabelecida, fica delimitado que os residentes transitariam entre a atenção primária à saúde e a atenção terciária, e esses seriam responsáveis por conhecer o processo saúde-doença dos usuários das seguintes linhas de cuidado: saúde da mulher e do recém-nascido, criança e adolescente, adulto e idoso, e saúde mental.

Qualquer tipo de construção precisa de cuidado, tempo, disposição, força e suor para enfrentar os desafios que possam surgir. E na construção dessa residência não foi diferente. Desconfianças e tensões estiveram presentes tanto no ambiente da universidade quanto nos serviços de atuação.

Participantes dessa construção entenderam que o maior desafio de todos era a necessidade de um trabalho integrado. Diferentes profissões ocupavam o mesmo espaço e cada um fazia o seu trabalho isoladamente. Mediante o contexto exposto, a residência viria para ajudar nesse processo de trabalho.

Porém, tanto para a universidade quanto para os serviços, tudo era novo e essa construção se deu, conjuntamente, com muito diálogo e reflexão. “O que é residência multiprofissional?” “O que é interprofissionalidade?” “Qual o objetivo de uma reunião de equipe?” “Qual o sentido de compartilhar experiências e conhecimentos?” “Para quê mudar? Vocês acham que já não tentamos mudar nossa lógica e processo de trabalho?” Questionamentos como esses estiveram constantemente presentes em nossa trajetória, mas ocorreram avanços quando profissionais dos serviços aderiram à proposta de trabalho colaborativo, bem como retrocessos quando alguns profissionais achavam que o trabalho colaborativo era utópico, ignorando a proposta e continuando em seus limites profissionais³.

Essa nova residência foi inserida em um *campus* universitário diferenciado dos demais: UNIFESP-BS, com um projeto político pedagógico inovador e desafiador, com a estrutura curricular alicerçada na prática, que permite a construção do conhecimento do graduando, contextualizada ao exercício futuro da profissão. No *campus* Baixada Santista foram abertos os cursos de Educação Física, Fisioterapia, Nutrição, Psicologia e Terapia Ocupacional e desde o ano 2009 incorporou-se o curso de Serviço Social. Diferentemente de modelos tradicionais de ensino, a UNIFESP-BS visa, dentre outros objetivos, à formação de um profissional da área de saúde que esteja apto para trabalhar em equipe interprofissional, em prol da integralidade no cuidado. Para isso, a prática é exercitada desde o início da trajetória universitária como forma de problematizar o ensino e estimular a busca do conhecimento necessário para essa atividade.

Os cursos do *campus* foram planejados em um formato modular de currículo que procura integrar os conteúdos em quatro eixos: O ser humano em sua dimensão biológica (Bio), O ser humano e sua inserção social (IS), Eixo Trabalho em Saúde (TS), e o Eixo Específico. Os três primeiros são eixos comuns e se estruturam em turmas misturadas e o último, o da prática específica, os estudantes se separam em unidades curriculares por curso. Vale ressaltar que o curso de serviço social não compõe o Eixo ‘O ser humano em sua dimensão biológica’.

Além da aproximação entre os cursos, o estudante vai se aproximar do contexto dos serviços públicos, que oferecem ações de cuidado, desde o início da graduação. O contato com os serviços públicos da região acontece, principalmente, pelo Eixo TS, que os estudantes cursam durante os primeiros três anos da graduação e que investe na educação interprofissional, dividindo os estudantes em equipes que transitam entre a sala de aula e campos de prática (serviços de Santos) executando propostas e práticas colaborativas de cuidado em saúde, como a elaboração de narrativas de história de vida, ações com grupos populacionais e de projetos terapêuticos singulares⁵.

A proposta de uma universidade é investir em ensino, pesquisa e extensão. Nesse contexto, insere-se também a UNIFESP, a qual investe em projetos diversos, sejam esses pertencentes às próprias unidades curriculares dos eixos transversais - como do eixo TS ou dos eixos específicos como os estágios profissionalizantes do final dos cursos - ou parte de projetos extracurriculares

- como os projetos de pesquisa e extensão, por exemplo, o PET-Saúde (Programa de Educação pelo Trabalho em Saúde) e projetos de extensão das mais variadas temáticas.

De acordo com o Plano Nacional de Extensão Universitária⁶, a Extensão é definida como o processo interdisciplinar, educativo, cultural, científico e político, que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e a sociedade.

O PET-Saúde incentiva a integração do ensino-serviço-comunidade, por meio da inserção de docentes e estudantes da graduação na rede de serviços públicos, de modo que aquilo que é necessidade do serviço possa ser trabalhado, para ser fonte de produção de conhecimento e pesquisa das instituições de ensino, para qualificação e fortalecimento do SUS⁷.

A inserção quase que diária e intensificada pela carga horária de doze horas por dia do PRMAS nos serviços de saúde, permite que se aproxime mais facilmente do serviço e dos projetos inseridos no mesmo cenário de prática. Sendo assim, os encontros nos corredores passam de simples cumprimentos para longas conversas e possíveis práticas conjuntas. Com frequência, estabelece-se articulações, contatos, encontros, trocas de experiências e discussões entre estudantes da pós-graduação (residência) e da graduação. Tanto no território dos serviços como no território da universidade cresce uma grande rede: uma rede de trabalhos, propostas, projetos e afetos. Mas, o que se entende por “rede”? O dicionário *online* Michaelis⁸ apresenta vários significados para essa palavra:

“(...) 6 Qualquer trançado de fios de qualquer material. (...) 9 Conjunto de estradas, de caminhos de ferro, de canais. (...) 12 Cilada, armadilha. (...) R. admirável: plexo vascular, no trajeto de certas artérias(...) R. da empresa, Inform: rede que conecta todas as estações de trabalho, terminais ou computadores de uma empresa, estejam no mesmo prédio ou em países diferentes (...)” (grifo do autor).

Aqui seria a da composição entre os nós – ‘os projetos e ações’ – que apresentam como pano de fundo a UNIFESP-BS e o seu projeto político pedagógico. Por isso, poder-se-ia chamar “rede UNIFESP-BS”. Percebe-se com a prática que a articulação é possível, porém, essa rede também pode ser vista como uma armadilha, quando se encontra invisível, quando os projetos estão escondidos entre as paredes do *campus* da universidade ou pela falta de encontros nos cenários de práticas impedidos por vários motivos.

Dessa forma, é possível refletir, olhar e problematizar essa rede UNIFESP-BS e aqui nessa pesquisa optei pela ótica dos estudantes e de uma estudante específica que vivencia a experiência da residência, mas que também já esteve mergulhada nessa rede de outra forma, como graduanda: a própria pesquisadora. Será relatada aqui a experiência vivenciada entre estudantes

da residência e da graduação, analisando as discussões e interlocuções emergentes da prática integrada dos estudantes da residência e graduação, nos serviços da rede de atenção à saúde do município de Santos. Essa pesquisa visou encontrar e fazer emergir as potências, afecções, considerações e impotências da articulação a partir dessas interlocuções, as quais poderiam contribuir com a rede UNIFESP-BS, de modo a refletir sobre como tem se desenvolvido a prática dessa rede e como essa interfere na formação dos estudantes e futuros profissionais de saúde. Fundamentalmente, problematizar a partir dessa experiência a “rede UNIFESP-BS” e a formação do profissional de saúde.

2. CARTA DE NAVEGAÇÃO⁴

Nas próximas linhas, caro leitor, você se aventurará nada mais nada menos que pelas palavras que ditam o que se entende por método, e antropofagizando⁹ Zanella, chama-se carta de navegação, que visa guiar o leitor-marinheiro pelos próximos capítulos. Entretanto, saiba que há vários caminhos possíveis ainda desconhecidos e com isso possa despertar no leitor o interesse em desbravar novos mares de palavras, novas reflexões, novas pesquisas, além de permitir fazer associações com memórias de outras viagens e contextos. Permita-se, leitor, criar e reinventar o que se lê; permita-se combinar os recortes dessa experiência e das suas, para a produção de novas escritas e leituras.

Participaram dessa pesquisa estudantes da pós-graduação *lato sensu* Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde e graduandos da Universidade Federal de São Paulo *campus* Baixada Santista, que estiveram em ações no mesmo cenário de prática em saúde do município de Santos e que estiveram ou não em contato direto entre si. Os participantes foram divididos em três grupos, cada um composto por dois residentes e um representante de cada tipo de projeto da UNIFESP – extensão, módulo Trabalho em Saúde, PET-Saúde e estágio curricular. Sendo assim, os participantes dessa pesquisa seriam 18, entretanto efetivamente participaram 14.

Para essa pesquisa, a qual se inclui no campo da saúde, lançou-se mão de uma abordagem metodológica qualitativa, em vista da proposta de saber como foi para os estudantes passar por essa experiência de articulação entre si. E quando se pretende fazer uma pesquisa pensando nesse campo, é sempre de narrativas que tratamos. Dados são coletados e analisados por diversas técnicas, mas o pesquisador ou o participante da pesquisa se coloca em uma posição de expressar o que acontece por meio de certa narração. Os participantes da pesquisa de diversas formas narram o que viveram enquanto componentes da “rede UNIFESP-BS”, uma narrativa que não se remete apenas ao sujeito, mas também às relações que os sujeitos estabelecem entre si e com o exterior durante a experiência¹⁰.

Foi preciso, então, buscar um método que pudesse incluir a subjetividade, dado que o que se pretendeu com essa pesquisa foi saber como se dá a prática de saúde nos encontros

⁴ Zanella, A.V. Sobre o processo de criação da/na pesquisa In: Zanella, A.V. Perguntar, registrar e escrever: inquietações metodológicas Ed. da UFRGS, Sulina, Porto Alegre, p.121, 2013.

entre os sujeitos, além do que se expressa nesse encontro¹⁰. O método escolhido para que a subjetividade, as afecções e as intensidades pudessem emergir, foi o método cartográfico. O método cartográfico acompanha processos, e para essa pesquisa acompanhou-se o processo dos encontros e a própria experiência vivenciada pela pesquisadora durante a atuação como residente. Esse processo foi acompanhado a partir de um relato de experiência trazido pela voz dada aos participantes em encontros potencializadores e estimulantes para a produção coletiva da experiência, em que se usou a fala, o desenho e a montagem.

Os encontros foram registrados por meio de filmagem e em seguida esses vídeos serviram de base para a criação de narrativas, elaboradas pela pesquisadora. Estas reuniram informações objetivas (do plano descritivo) e impressões subjetivas (do plano intensivo e dos afetos), bem como as associações da pesquisadora durante a observação do material e da experiência e durante a elaboração do relato¹¹.

O método cartográfico utilizado para descrever e acompanhar processos nos indica um procedimento de análise, a partir do qual a realidade a ser estudada aparece em sua composição de linhas, na composição dos textos produzidos a partir da experiência¹². A análise se deu em todo o processo da pesquisa iniciando pelos encontros. Depois de prontas e lidas, as narrativas e os outros materiais encontrados foram de certa forma desmontados para encontrar os espaços de emergência dos afetos e da subjetividade do encontro, aproximando-se assim da análise do conteúdo, mas se istanciando da categorização, evitando certa homogeneização dos dados que poderia promover a perda da dimensão coletiva da narrativa e do encontro.

Roteiro aberto dos encontros: Os encontros seguiram esses cinco (5) momentos, porém, paracada um a estrutura se deu de forma diferente:

1. Exposição de um disparador como vídeo, música, texto, imagem etc.;
2. Discussão e conversa entre o grupo do encontro;
3. Produção coletiva com materiais disponibilizados pelo investigador;
4. Produção individual com materiais disponibilizados pelo investigador;
5. Desfecho do encontro com avaliação do encontro pelo investigador e participantes.

3. NARRANDO OS ENCONTROS

Como descrito na carta de navegação, os encontros foram construídos um a um, com participantes diferentes que coletivamente edificaram um encontro singular que aconteceu com determinado grupo de pessoas, espaço e dia.

A filmagem e a fotografia foram ferramentas importantes, pois ao compreender que fotografar é imortalizar um acontecimento, elas puderam ser revistas inúmeras vezes. Além disso,

a filmadora entendida como uma prótese do olho registrou também aquilo que escapou aos olhos da pesquisadora durante os encontros⁹.

Seguindo a lógica das singularidades, cada encontro foi significado por seus participantes e pela própria pesquisadora. Assim, na escrita das narrativas, foi possível intitulá-las de acordo com a centralidade dada a cada encontro: “O enredamento das articulações”, “A história do livro ‘1 + 1 > 2’”, e “Triangulando as relações”.

Trazem-se aqui algumas palavras e interpretações feitas pelos estudantes e como conseguiram ver a residência ou a relação com ela, bem como da relação com o trabalho interprofissional: Humildade, paz, segurança, gratidão, esperança, empatia, desabafo, carinho, alegria, legal, bom, gratificação, salvadora, inspiradora, apoio, tranquilidade, bem estar, prazer, impotência, felicidade, satisfação, acolhedora, cuidadora, otimismo, ânimo, estresse, receptividade, frustrante, união, encantamento, desespero e dor. Essas palavras demonstram como essas experiências mobilizam não apenas nossas técnicas e saberes profissionais, mas também nossa subjetividade.

Os encontros foram muito produtivos e inspiradores para as narrativas. Cada um conseguiu trazer considerações e reflexões importantes sobre essa experiência na rede UNIFESP- BS e principalmente com a residência multiprofissional. Embora cada encontro tivesse suas singularidades, algumas temáticas foram trazidas de diferentes formas e que a seguir tentarei trazê-las para a cena, a fim de problematizá-las.

No segundo encontro, “A História do livro ‘1+1>2’”, foi lançada a música “O sal da terra” composta por Beto Guedes como disparador do encontro. A partir dessa, foi feito um desenho de mãos sobrepostas (fotografia 1) em que se pensa nas possibilidades de multi, inter e transdisciplinaridade. A multidisciplinaridade é considerada uma soma exata em que um mais um é igual a dois, enquanto que a interdisciplinaridade busca uma soma que resulta em muito mais que dois. Cada mão desenhada em uma cor diferente simboliza uma profissão ou especialidade. Estando sobrepostas e em direções diferentes, ou seja, por meio da soma dos saberes e da articulação deles, podemos alcançar, carregar e aconchegar algo maior e de melhor forma, como a demanda de um usuário, do que se apenas uma mão estivesse estendida a ele.



Fotografia 1. Desenho de mãos sobrepostas feito pela estagiária.

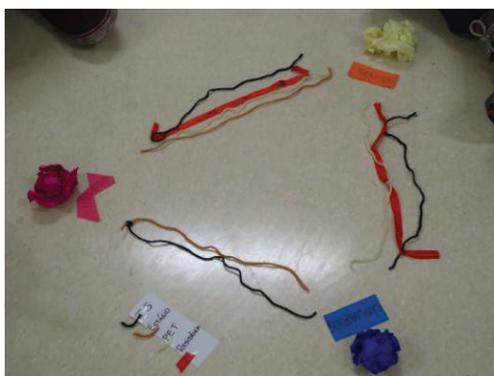
Quando olhamos para o desenho nos perguntamos quem é quem. Que mão está sobre qual? Quando de fato articulamos nossos saberes quem está de fora não encontra os limites entre eles, apenas quem está dentro consegue e deve encontrá-los para que o trabalho em equipe seja efetivo. É importante que se reconheçam os saberes específicos, mas mostra-se importante o rompimento das fronteiras interespecíficas, tornando os estudantes e profissionais de saúde mais permeáveis, legitimando as singularidades e acontecimentos da prática; considerando fronteiras rígidas entre os saberes, emerge uma rejeição ao trabalho inteprofissional.

Essa produção identificou o quanto a aproximação com a residência e com outros projetos aciona essas outras mãos. A aproximação entre os projetos da UNIFESP-BS é e deve ser construída, pois nos ligamos pelo mesmo vínculo institucional, o que pode em momentos de dificuldades nos apoiarem, buscando conforto e segurança.

Nesse encontro, uma extensionista demonstrou que quando chegou pela primeira vez ao serviço de atuação do projeto de extensão estava bastante nervosa e insegura e ao encontrar a recepção dos residentes sentiu-se acolhida, calma e segura. Em vários momentos e em contato com outros projetos a residência pode agir dessa forma: acolhendo, recepcionando e apresentando os estudantes ao serviço.

Em contrapartida, para os residentes, quando os graduandos chegam ao serviço com uma proposta diferente trazem aproximação com o espaço da universidade – mesmo ainda vinculado à universidade, o programa de residência é treinamento em serviço e na maior parte do tempo lida com as questões no serviço -, traz força, gás, segurança, traz respiro do pensamento acadêmico à prática profissional e traz novas possibilidades de articulação para um trabalho conjunto. Tudo isso somado dá muito mais que apenas alguns estudantes juntos.

No terceiro encontro “Triangulando as relações” os participantes se sentaram no chão e iniciaram uma produção coletiva. Três bolinhas de papel foram amassadas e simbolizaram os usuários, a universidade e o serviço. Logo surgiram dessas bolinhas linhas indicativas de cada projeto da UNIFESP: PET, TS, PRMAS, estágio e também como esses poderiam se entrecruzar (Fotografia 2). A construção estava pronta e surgiu um triângulo de relações.



Fotografia 2. Produção coletiva realizada no terceiro encontro.

Segundo esse encontro, a TS é um importante mecanismo de liga, pois ela pode se articular de todas as formas: entre usuário e serviço, entre este e a universidade e entre esta e os usuários. Diferentemente, o estágio foi considerado o mais isolado, pois não se estabelece relação entre o serviço e o usuário, já que este considera o estagiário um estudante que não possui ligação com o serviço e também porque o estágio estabelece pouca ou nenhuma ação conjunta com os outros projetos no campo de prática.

A produção coletiva do último encontro pode trazer claramente de que forma as interlocuções dessa rede UNIFESP-BS acontecem entre os nós dela, sem problematizar demais e sim traduzir o cotidiano de práticas. Sendo assim, foi possível mostrar o quanto não é fácil fazer essa rede funcionar, mas que de alguma forma os projetos da UNIFESP-BS, e aqui incluo o PRMAS, conseguem se integrar e trabalhar em rede. Entretanto, foi pontuado de formas diferentes o quanto o estágio é o projeto da UNIFESP-BS que mais pode cair na armadilha de se fechar em si mesmo, estando distante das outras ações. Assim como diz Vasconcelos¹³ as atividades de estágio:

“ainda apresentam a organização tradicional, segundo as diretrizes curriculares específicas de cada curso. Neste sentido, observa-se ruptura nos esforços de garantia do modelo interdisciplinar, vivenciado nos anos anteriores nos módulos do eixo TS. (...) Adicionalmente, a referência aos estudantes é, muitas vezes, unicamente o preceptor de estágio, colocando o restante da equipe em um papel secundário ao planejamento, execução e reflexão das práticas profissionais e da formação em saúde” (p.28).

Sendo assim, como almejar que um profissional siga os preceitos da interprofissionalidade, se ao chegar ao final de sua graduação a prática inter possa ser abalada pela sedução das comodidades das fronteiras profissionais? Além disso, como desejar que os profissionais de saúde trabalhem em rede se, às vezes, não compreendem ou nem conhecem outros profissionais do mesmo serviço em que atuam?

E ainda... Podemos até acreditar que talvez o profissional esteja preparado depois de tantas ações interprofissionais para trabalhar dessa forma, e pode estar mesmo e ser o norteador de ações inter junto a seus preceptores e outros profissionais da rede, mas será que os estágios interprofissionais não acontecem na essência dos seus projetos por causa de uma estrutura universitária, que embora busque a interprofissionalidade também se sente mais segura nas suas especificidades?

Enfim, considero que os dados produzidos nessa pesquisa tendem a acreditar que se faz necessário investir nos projetos de estágio integrados, seja multi ou interprofissional, de modo a fazer a “rede UNIFESP-BS” operacionalizar desde a inserção do estudante na universidade e até as diversas possibilidades da formação acadêmica.

De certo ponto de vista, a universidade e a formação dos profissionais de saúde isoladamente tem papel fundamental na produção de conhecimento e no ensino crítico e reflexivo:

“é pra isso que existe a universidade, mas é muito limitado. Assim como todas as instituições, a universidade também tem os mesmos limites, ela está bruscamente [na] lógica que a gente chama (...) produtivismo acadêmico que o professor tem que ter ‘x’ artigos, e é isso, produzir, produzir e produzir, e às vezes você perdeu o laço da intenção social da pesquisa e já foi embora, eu acho que a gente caminha nisso também na pesquisa, na extensão, acho que a extensão ainda é um campo mais... que dá pra mediar, o problema é que aí ela não tem tanto valor, porque ela não entra tanto na lógica da produção e aí tem menos dinheiro para a extensão, mas eu acho que cabe a nós que assim... que eu acho que esse espaço tanto da extensão, da pesquisa, da TS, da residência querendo ou não por mais que a gente está dentro dessa lógica, óbvio, eu acho que a gente por estar propondo a se discutir dentro da atividade profissional e acadêmica, a gente consegue criar espaços de refletir [também na prática].” (estudante de TS)

A formação dos profissionais em saúde atravessou os muros da universidade, e está nos serviços, experimentando um mergulho na experiência. Dessa forma, a formação se distancia do que nos diz Freire¹⁴ que o educando está longe de ser protagonista de sua formação, mas sim um depósito de informações transmitidas pelo educador e recebem essas informações sem questionamento, sem transformação de si, apenas armazenando para o momento em que uma prova o cobrar. A formação não deve ser mera aquisição e acúmulo de saber, numa suposta conta “bancária” que se incha de conteúdos vazios^{14,15}. A maioria das universidades segue esse tipo de modelo, formação baseada na informação. Sendo assim, o estudante se afasta da experiência clínica, da observação, da escuta e da convivência com o usuário do serviço e, conseqüentemente, da aquisição da paciência, atenção sensível e delicada.

Assim disse um ‘petiano’ (aluno PET) em um dos encontros:

“quando converso com colegas de outras universidades que fazem o mesmo curso, a gente vê uma diferença... é... meio de um gesso moldado do tipo de cuidado, assim sabe, quando eu vou conversar e falo que faço a TS, que eu faço visita, que eu atendo, que eu acompanho, que a gente faz narrativa eles ficam assim ‘para quê isso? porque você está perdendo tempo fazendo isso’ então assim.... a gente vê que faz diferença. (...) As pessoas não compreendem (...) que se todo mundo olhasse [e fizesse] assim, teria uma saúde bem melhor teoricamente”

Como disse o ‘petiano’, aqui na UNIFESP-BS a formação se baseia na experiência, sendo que essa se inicia logo no primeiro ano da graduação, o que segundo uma estagiária contribui ainda mais para a formação:

“Eu acho que esse contato (...) com a TS, que a gente já começa a atender e fazer visita, é muito diferente de outros lugares. Esse ano eu tive a experiência do estágio e eu pude ver muito isso, assim é... você entrar em um hospital e falarem para você ‘vai lá e atende’, dá um frio na barriga, mas assim, de certa forma, já foram lá pra você e falaram assim ‘ah, vai lá e conversa com ele e faz uma narrativa’, vai lá conversa com ele e faz um projeto terapêutico’, e aí quando

a gente chega já com essa base e aí soma com as pessoas que já passaram por isso e (...) [dá] mais segurança também”.

4. “ESTAÇÃO DERRADEIRA”⁵

Ao tentar chegar a uma concepção de rede, a partir das concepções de rede reveladas nos encontros, da própria pesquisadora e na literatura pesquisada, foi possível entender que talvez fosse muita pretensão tentar pensar em uma única e fechada concepção, pois essas são diferentes e a multiplicidade dessas é também potente. Apesar da escassez de teorias sobre rede e intersectorialidade, autores como Akerman¹⁶ relatam que ampliaram a ideia sobre intersectorialidade criando um “banco de perguntas” sobre o tema. A rede também é estudada por diferentes campos das ciências, como diz Menezes e Sarriera¹⁷ “*Já não basta um olhar unidirecional, mas sim uma diversidade de visões e posicionamentos que contribuem para a configuração das redes sociais em uma aproximação, cada vez maior, à realidade*” (p.53).

Mesmo que haja diferentes concepções sobre rede, pretende-se aqui apresentar os resultados produzidos pela pesquisa, sem dizer qual a concepção correta ou não sobre rede, podendo elas serem opostamente diferentes. Em todos os encontros da pesquisa, de alguma forma, fosse mais clara ou mais escondida, a ideia de rede e trabalho intersectorial sempre surgia. No encontro “O enredamento das articulações” (Fotografia 3) os nós eram os projetos, e no “Triangulando as relações” os projetos eram os conectores entre os nós, sendo esses últimos a universidade, os usuários e o serviço, e entre esses nós, novos nós eram formados.



Fotografia 3. Roda feita no encontro “O enredamento das articulações”, após a construção de uma rede de projetos

Tentando trazer à luz, a concepção de rede refletida no encontro “Triangulando as relações” é como uma estrutura com linhas de conexão instável e não superficial, ou seja, essa não é definida por sua forma, mas sim por suas convergências e bifurcações que formam os nós, que são seus elementos constitutivos^{15,18}. E são nesses nós que as produções entre os projetos da UNIFESP-BS surgiram e nesse momento as potências e dificuldades de articular os projetos ficaram evidentes. Além disso, foi possível enxergar o nível de força de interação que essas

5 Música Estação derradeira de Chico Buarque, Marola edições musicais, 1987

conexões podem ter.

Já no encontro “O enredamento das articulações”, os nós constitutivos da rede foram os próprios projetos da UNIFESP-BS, e entre esses nós se constituíram linhas conectoras, sendo assim, o foco desse grupo esteve na interação e nas interrelações dos nódulos ou nós da rede, que são os vínculos que se constroem entre os diversos nódulos¹⁷. Como para essa concepção de rede o que importa é o que está entre os nós, onde se manifestam as produções, Deleuze e Guattari¹⁹ vão dizer “Não seja nem uno nem múltiplo, seja multiplicidade! Faça a linha e nunca o ponto! A velocidade transforma o ponto em linha!”, e assim transforma os vários nós em várias linhas que podem ou não se encontrar e que ampliam a rede em diversas direções e sentidos.

A partir da ideia da produção individual, as mãos sobrepostas de uma estagiária no encontro “A história do livro ‘ $1 + 1 > 2$ ’ sugere a concepção de rede como a rede de pesca em que é possível carregar algo, como descrito pela estagiária, e que assim podemos acolher os usuários nessa rede, por meio do emaranhado de vínculos formados entre as instituições e entre os profissionais.

Voltando ao título dessa pesquisa, no momento da construção dele, foi pensada que a rede se estabelece como um campo de produções, constituídas a partir dos vínculos, conexões e articulações entre os indivíduos, instituições, grupos etc., os quais são os nós da rede. E buscando uma bibliografia que pudesse dar conta dessa concepção, encontrou-se Marques²⁰ que diz que redes são:

“A estrutura do campo no interior do qual estão imersos os atores sociais e políticos relevantes em cada situação. (...) [A rede social] é o campo presente em determinado momento, estruturado por vínculos entre indivíduos, grupos e organizações construídos ao longo do tempo. Esses vínculos têm diversas naturezas, e podem ter sido construídos intencionalmente, embora a sua maioria tenha origem em relações herdadas de outros contextos. Podemos imaginar a rede como composta por várias ‘camadas’, cada qual associada a um tipo de relação e a um dado período de tempo” (p.46).

Diferentes são as concepções que podem existir e serem produzidas. Foi necessário conhecê-las com essa pesquisa para entender que, mesmo com várias concepções, o grande “x” da questão do ‘trabalho em rede’ são os efeitos que este causa em uma situação, em um determinado espaço e tempo, entre as pessoas, entre as instituições, e outros mais. Por existirem tantos ideais de rede, o trabalho conjunto acaba sendo dificultado; porém, apesar de ideais diferentes, se os indivíduos dessa rede se comunicarem e criarem um comum, ou seja, valorizarem as heterogeneidades e agenciarem os múltiplos encontros em que se atravessam as fronteiras profissionais e se encontram saberes, técnicas e potências que são de qualquer um e que a todos importa, dessa forma, será possível que haja a produção de um bom trabalho em rede.

A partir do que foi trazido nos encontros e da experiência na residência, foi possível evidenciar que o PRMAS faz parte da “rede UNIFESP-BS” como um forte articulador, possivelmente por permanecer um longo período diário nos cenários de prática e, conseqüentemente, por ter contato com os projetos da universidade que passam pelo serviço e com os próprios funcionários do serviço e pela proximidade que a residência tem com a prática, e que assim possibilita envolver os graduandos com a realidade dos serviços. Mas como foi visto nas narrativas, há controvérsias na potência que esse programa tem quando se torna um forte articulador da “rede UNIFESP-BS” e da interação ensino-serviço-comunidade.

Entretanto, como percebido a interlocução entre a residência e os outros projetos, permite grandes composições conjuntas e potentes, como diz uma residente:

“Quando tem a interação entre os alunos e agente da residência, e os projetos em si, rola muita coisa boa as coisas parece que fluem até mais assim, você tem com quem dividir, você tem com quem discutir, você abre horizonte, por mais que eu seja formada eu não sou suficientemente boa no que eu faço, e isso é o legal dos encontros nunca se esgotam (...) as possibilidades”

E como fazer para manter viva essa rede UNIFESP-BS? É preciso se arriscar, lançar mão de novas ferramentas de trabalho. É um processo árduo, que necessita da disponibilidade, paciência e investimento de todos, para que o caminho percorrido alcance a articulação em rede. Disparar discussões entre esses projetos por território seria um passo a ser investido, para que os usuários e serviços não se sintam perdidos com tantos projetos que, às vezes, falam a mesma língua, que querem praticamente as mesmas coisas e nos mesmos lugares.

Para mantê-la viva, é preciso cuidado, é preciso sempre olhar para a sua estrutura. Segundo Kastrup¹⁵ a rede não deve ser entendida em sua totalidade fechada, mas como um todo aberto em que é possível aumentá-la e diminuí-la, através de novas conexões estabelecidas por meios dos nós, como demonstrado no encontro “O enredamento das interlocuções”. Dessa forma, se evitará constituir fronteiras rígidas entre as equipes da UNIFESP e dos serviços, permitindo surgir bifurcações e outras convergências nessa rede em conjunto com os serviços. Vislumbra-se que uma saída para o fortalecimento do projeto inovador de formação da UNIFESP-BS seja reconhecer as potências dessa rede UNIFESP-BS, porque um mais um na verdade é muito mais que dois.

5. “GENTE TEM SOBRENOME”⁶

1. Carvalho YMd, Ceccim RB. Formação e Educação em Saúde: aprendizados com a Saúde Coletiva. In Campos GWdS, Bonfim JRdA, Minayo MCdS, Akerman M, Júnior MD, de Carvalho YM. Tratado de saúde coletiva. São Paulo: Hucitec; 2012. p. 137-170.

6 Música “Gente tem sobrenome” de Toquinho e Elifas Andreato Gravadora Philips, 1987.

2. Universidade Federal de São Paulo campus Baixada Santista. Projeto Político Pedagógico da UNIFESP Baixada Santista. Disponível em <http://www.baixadasantista.unifesp.br/projpedag.php>; 2006; Santos.
3. Devincenzi MU, Rodrigues TdF, Pereira MLL, Scudeller TT. Processo de Construção do Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde. In Uchôa-Figueiredo LdR, Rodrigues dF, Dias IMÁV. Percursos interprofissionais: formação em serviços no Programa Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde. Porto Alegre: Rede Unida; 2016. p. 59-76.
4. Universidade Federal de São Paulo campus Baixada Santista. Programa de Residência Multiprofissional em Atenção à Saúde - PRMAS. Disponível em www.baixadasantista.unifesp.br/resid_multi.php; 2012 dezembro; Santos.
5. Capozzolo AA, Imbrizi JM, Liberman F, Mendes R. Experiência, produção de conhecimento e formação em saúde. *Interface*. 2013 Abril/Junho; 17(45): p. 357-370.
6. Brasil. Plano Nacional de Extensão Universitária. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Disponível em <https://www.ufmg.br/proex/renex/documentos/2012-07-13-Politica-Nacional-de-Extensao.pdf>; 2012; Manaus.
7. Brasil. Programa Nacional de Reorientação da Formação Profissional em Saúde. Disponível em <http://www.prosaude.org/>; 2013; Brasília.
8. Dicionário Michaelis online. Disponível em <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=rede>; 1998-2009; São Paulo: Melhoramentos.
9. Zanella AV. Perguntar, registrar e escrever: inquietações metodológicas Porto Alegre: da UFRGS, Sulina; 2013.
10. Passos E, Barros RBd. Por uma política da narrativa. In Passos E, Kastrup V, Escóssia Ld. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina; 2009. p. 150-171.
11. Barros LPd, Kastrup V. Cartografar é acompanhar processos. In Passos E, Kastrup V, Escóssia Ld. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina; 2009. p. 52-75.
12. Passos E, Eirado Ad. Cartografia como dissolução do ponto de vista do observador. In Passos E, Kastrup V, Escóssia Ld. Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina; 2009. p. 109-130.
13. Vasconcelos ACFd. A relação universidade serviço: com a palavra os profissionais de

saúde Santos; 2014.

14. Freire P. A concepção “bancária” da educação como instrumento da opressão: seus pressupostos, sua crítica. In Freire P. *Pedagogia do Oprimido*. 17th ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1987. p. 57-75.

15. Kastrup V. A rede: uma figura empírica da ontologia do presente. In Fonseca TMG, Kirst PG. *Cartografias e devires: a construção do presente*. Porto Alegre: UFRGS; 2003. p. 53-61.

16. Akerman M, Sá RFd, Moyses S, Rezende R, Rocha D. Akerman M, Sá RF, Moyses S, Rezende R, Rocha D. Intersetorialidade? IntersetorialidadeS!. *Ciência & saúde coletiva*. 2014; 19(11).

17. Meneses MPR, Sarriera JC. *Redes sociais na investigação psicossocial*. Aletheia. 2005 janeiro/junho;(21): p. 53-67.

18. Musso P. A filosofia da rede. In Parente A. *Tramas da rede: novas dimensões filosóficas, estéticas e políticas da comunicação*. Porto Alegre: Sulina; 2013. p. 17-38.

19. Guattari F, Deleuze G. *Mil Platôs. Capitalismo e Esquizofrenia*. Rio de Janeiro: 34 Ltda; 1997.

20. Marques EC. *Redes sociais e instituições na construção do Estado e da permeabilidade*. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. 1999 outubro; 14(41): p. 45-67.

Artigo apresentado em 03/01/2017

Artigo aprovado em 18/03/2017

Artigo publicado no sistema em 26/06/2017